

Um instaurador

Para compreender o papel de Florestan Fernandes na consolidação e reorientação da Sociologia no Brasil, é preciso mencionar alguns antecedentes. Antes da nossa geração, o estudo sobre a sociedade era feito sobretudo como história social, interessada na formação do país e tendendo a uma teoria geral do Brasil. São os casos de Manuel Bonfim, Oliveira Viana, Gilberto Freire, Sérgio Buarque de Holanda. Mas havia também o levantamento empírico de um setor da cultura popular, que se prestava à visão pitoresca, o folclore, como se pode ver em Sílvio Romero, Amadeu Amaral, Basílio de Magalhães. Os estudos de história social focalizavam as classes dominantes e podiam, nalguns casos, dar a idéia de uma sociedade mais ou menos bem realizada, pois era vista por assim dizer nos seus andares superiores. Os estudos de folclore, de outro lado, davam conta apenas de um pedaço da cultura popular, podendo servir, inclusive, de alimento a obras tão vulgares quanto as de certa literatura “sertaneja”, que fazia do homem rural um espetáculo exótico, confortando o homem da cidade pela certeza tranqüilizadora da distância entre ambos. Quanto à teoria, encontramos poucas obras a partir do fim do século XIX, quase sempre aplicações do naturalismo de fundo biológico, como os livros curiosos de Fausto Cardoso. Naturalismo que se prolongaria no pensamento dos estudiosos até praticamente Gilberto Freire, inclusive. Posteriormente, já no decênio de 1930 e em virtude da introdução da Sociologia no ensino normal e complementar, apareceram obras didáticas com orientação diversificada, ao modo das de Alceu Amoroso Lima, V. de Miranda Reis, Delgado de Carvalho, Fernando de Azevedo, esta última bem mais considerável. Quanto ao que se pode chamar de consciência social dos estudiosos, destaca-se um certo alheamento das reais condições do país, apesar da obra de Euclides da Cunha, teoricamente fundamentada e empiricamente nutrida de fatos contemporâneos, que era uma revelação do Brasil verdadeiro, escondido pela ideologia das classes dominantes atrás da sua fachada convencional.

A fase verdadeiramente sistemática da Sociologia, concebida como ciência social definida e voltada para o estudo da realidade presente, começou com a fundação de escolas superiores onde a matéria foi ensinada pela primeira vez no Brasil em nível universitário, como a Escola Livre de Sociologia e Política, de São Paulo, em 1933, marcada pela influência empírica de professores norte-americanos. No ano seguinte fundou-se a Universidade de São Paulo com a sua Faculdade de Filosofia, na qual houve desde o começo duas cadeiras de Sociologia. Uma delas foi confiada a Claude Lévi-Strauss, inclinado para a Etnologia, mas estimulando os alunos a trabalharem sobre a realidade quotidiana. A outra cadeira foi confiada a Paul Arbousse-Bastide, que se concentrava na teoria, com destaque para a obra de Durkheim, que naquela altura Strauss abominava. Enquanto isso, no Instituto de Educação, também da Universidade, Fernando de Azevedo desenvolveu o ponto de vista durkheimiano no estudo dos fenômenos educacionais. E foi nesse Instituto que

surgiu, em 1940, uma das primeiras obras de Sociologia concebida como pesquisa sistemática da realidade presente segundo métodos modernos: *Assimilação e populações marginais*, de Emílio Willems.

Em São Paulo, a Escola de Sociologia e a Faculdade de Filosofia efetuaram uma significativa ampliação do temário nos estudos sociológicos e antropológicos, ao deslocarem o foco de interesse das classes dominantes para as classes dominadas. Até então estas não eram estudadas além das manifestações folclóricas, ou em aspectos da cultura que eram tratados como folclore, haja à vista a maneira de abordar os cultos afro-brasileiros. Mas a partir do decênio de 1930, e sobretudo 40, foram estudados como temas preferenciais o trabalhador urbano, o lavrador pobre, o negro marginalizado, o pescador, o índio destribalizado, etc. Isso deu um cunho mais realista e potencialmente desmistificador ao conhecimento do Brasil, de maneira a se poder falar numa verdadeira radicalização dos estudos sociológicos em nossa geração.

Esse foi o pano de fundo da formação de Florestan Fernandes, que se graduou em ciências sociais na Faculdade de Filosofia em 1943 e obteve o mestrado na Escola de Sociologia em 1947. A ele caberia levar às conseqüências lógicas essa radicalidade, dando-lhe uma conotação política, depois de acumular conhecimentos teóricos consideráveis em várias direções. Desde estudante, se aprofundou nas obras da chamada Escola Sociológica Francesa, - Durkheim, Mauss, Halbwachs, Simiand, - passando em seguida aos alemães que as traduções espanholas nos traziam. Toennies, Sombart, Simmel, Freyer, Mannheim. Ao mesmo tempo, estudava o marxismo, coisa natural em quem se tornara socialista desde logo, e em meados dos anos de 1940 aderira ao pequeno grupo trotskista liderado por Herminio Sacchetta. Em 1944 Sacchetta se tornou diretor intelectual da Editora Flama, que teve existência curta mas deixou um bom legado de obras marxistas clássicas, de Marx, Engels, Kautski, Rosa Luxemburgo. Florestan traduziu a *Crítica da economia política*, com uma introdução densa e penetrante. Curiosamente, e para espanto dos amadores de esquemas, estava ao mesmo tempo elaborando o estudo sobre os Tupinambá com orientação funcionalista, haurida na Escola de Sociologia, onde naquela altura ensinou durante algum tempo Radcliffe-Brown. Mais tarde, nos anos de 1950, juntaria à sua farmácia sociológica a obra de Max Weber, cujo livro *Economia e sociedade* analisou a fundo e expôs em seminários notáveis. Os ingredientes da sua formação foram, portanto, variados. A sua maturidade mental consistiu em boa parte no esforço de os fundir, o que se tornou possível quando erigiu o marxismo em denominador comum.

Naquela altura, porém, a sua preocupação maior era com os conceitos de estrutura e função. Lá por 1950, certo dia em que estávamos tomando conta de um exame escrito (momentos estéreis nos quais conversávamos bastante), eu lhe disse que a sua posição podia ser denominada *estrutural funcional*, e ele aceitou o rótulo, provisório e relativo, como devem ser os rótulos. Na verdade, estava a caminho da síntese que conseguiu com originalidade e da qual o catalisador foi a pesquisa sobre o preconceito racial em São Paulo, feita a partir de 1950 sob o patrocínio da UNESCO

em colaboração com Roger Bastide. Por que falo em catalisador? Porque vista de hoje a carreira de Florestan Fernandes tem uma ordem e uma coerência que naquela altura não podiam ser percebidas. Essa ordem e essa coerência decorreram em parte da fusão de orientações diversas, que em princípio seriam pouco conciliáveis, mas que ele compatibilizou com a sua extraordinária energia mental e a sua vigorosa imaginação sociológica, estimulado pela necessidade de aplicar o conhecimento a uma situação contemporânea delicada e complexa, como era e é a do negro no Brasil. Naquele momento, com esse estímulo, deve ter irrompido nele um postulado marxista fundamental: a vinculação indissolúvel entre teoria e prática, coração daquela que pôde ser chamada *filosofia da praxis*. Então, a sua forte impregnação marxista, que era uma linha ainda paralela, transformou-se numa espécie de dominante, que atuou como magneto, como poderoso magneto que lhe permitiu reordenar de maneira pessoal a contribuição de outras fontes, agora subordinadas: a durkheimiana, a weberiana, a funcionalista.

Neste processo é que me parece decisiva a pesquisa sobre o negro, que solicitava a passagem da reflexão acadêmica e da investigação neutra (que ele tinha praticado até então no quadro da Universidade) para a tomada de posição de tipo político, em face da iniquidade atroz que caracteriza a sua situação econômica e social. O Florestan Fernandes que emergiu da pesquisa da UNESCO começava a ser o definitivo, isto é, o marxista aberto e pessoal, que integrou na sua fórmula de maneira coerente o ensinamento de outras teorias. Daí ter-se tornado, não um marxista de carteirinha, daqueles que abundavam em nossa geração infectada de stalinismo e usavam a terminologia consagrada para distorcer a realidade segundo esquemas pré-estabelecidos. Mas um marxista original, capaz de ter visão própria do capitalismo, da burguesia, da luta de classes, da miséria, dos problemas educacionais no quadro concreto da realidade de seu tempo, no Brasil e na América Latina. Pode-se dizer que no marxismo pouco original dos brasileiros de então houve pelo menos duas obras de criação pessoal: a de Caio Prado Júnior e a de Florestan Fernandes. Mas elas decorreram de movimentos opostos. Enquanto a de Caio consistiu numa passagem da praxis à teoria, a de Florestan consistiu numa passagem da teoria à praxis. Caio era um homem profundamente mergulhado na realidade de seu país, que conhecia em detalhe e sobre o qual fazia sem cessar observações *in loco* de geógrafo e economista. Este ponto de partida no empírico o levou a perceber o perigo de *aplicar* idéias e diretrizes que não se ajustavam à nossa realidade, e isto é claro em *Formação do Brasil contemporâneo* na maneira pela qual estudou a escravidão como fato incidente à acumulação moderna do capital. Mas foi em *A revolução brasileira* que manifestou sistematicamente o seu marxismo aberto.

Florestan, ao contrário, era um homem que transformava sem cessar a realidade em matéria de reflexão e interpretação, - contanto que tivesse previamente elaborado interpretação, - contanto que tivesse previamente elaborado o instrumental teórico. Por isso, só quando estava saturado de teoria conseguiu chegar à posição de sociólogo empenhado em atuar politicamente segundo um espírito haurido no marxismo, construindo o que chamou *sociologia crítica e militante*.

Com estas palavras eu quis dar uma idéia esquemática da sua formação, como quem conviveu com ele durante cerca de dez anos como companheiro de trabalho na Cadeira de Sociologia II da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, regida por Fernando de Azevedo. E como amigo de toda a vida. Por isso, pude ver a formação do seu grande espírito e a construção da sua obra magistral, graças à qual se tornou sem dúvida um dos maiores sociólogos do mundo contemporâneo. Portanto, não espanta que tenha sido, como sempre afirmei, o eixo em torno do qual girou a Sociologia brasileira, em relação à qual exerceu uma função ímpar de instaurador, inclusive formando um grupo de especialistas da maior qualidade, aos quais imprimiu o rigor obstinado da sua concepção de trabalho intelectual. E também porque, diferente de muitos companheiros de geração formados em ciências sociais, inclusive eu, encarou a Sociologia como ciência que requer dedicação exclusiva.

Em 1949 publiquei numa revista especializada em São Paulo um artigo onde dizia que a Sociologia podia ser três coisas: uma ciência, uma técnica social e um ponto de vista. Para muitos de nós, foi ponto de vista, que nos serviu para focalizar a literatura, a arte, o teatro, a história, para cujo cultivo exclusivo acabamos muitos de nós por transitar. O grande feito de Florestan, repito, foi desenvolver a Sociologia como ciência que exige concentração total, sem admitir as combinações de objeto de estudo, segundo a tradição brasileira. Por isso, ele foi a grande fonte de amadurecimento da Sociologia como ciência no Brasil, e de certo modo superou a noção de técnica social graças ao aproveitamento esclarecido do marxismo, que o levou a elaborar o conhecimento associado à ação. Ele foi sem dúvida o primeiro sociólogo *puro*, da nossa geração, como Egon Schaden foi o primeiro antropólogo nas mesmas condições.

Isso posto, só resta terminar dizendo o que todos sabem: em Florestan Fernandes o Brasil perdeu um dos seus maiores intelectuais de todos os tempos, e nós perdemos um amigo incomparável, pela lealdade, a solidariedade, a generosidade, a dedicação, que só tinham equivalentes na sua integridade e no seu destemor. Ainda bem que pudemos conviver com um grande homem desse porte.